

O BASQUETE NUMA PERSPECTIVA CRÍTICA DA CULTURA CORPORAL

Leonardo Docena Pina

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de relatar uma experiência vivida com alunos da 7ª série de uma escola municipal da cidade de Juiz de Fora/MG. Tal experiência faz parte do estágio curricular da disciplina MTE-033, oferecida pela FACED/UFJF e orientada pelo professor Álvaro Quelhas. O basquete, trabalhado na perspectiva Crítico-Superadora, possibilitou aos alunos, incorporar referências superiores de pensamento no que diz respeito à temática desenvolvida: democratização dos bens culturais.

Palavras-chave: Educação Física; Perspectiva Crítico-Superadora; basquete.

Não junto minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas. (FREIRE, 2002, p.113-114)

Introdução

Desde seu surgimento na escola, a Educação Física (EF) assumiu diferentes concepções enquanto disciplina. Por muito tempo, sua ênfase recaiu sobre aspectos biológicos e/ou tecnicistas, deixando de lado a formação de indivíduos capazes de compreender e atuar criticamente na realidade onde estão inseridos. Oliveira (1994) afirma que só a partir da década de 1980 parece surgir a perspectiva de Educação Física como prática social. Ou seja, só a partir desse momento, passaram a ser analisadas as suas implicações políticas. Se até então a função dessa disciplina era a formação de corpos dóceis¹, as reflexões e questionamentos surgidos a partir dessa época indicavam um movimento de ruptura paradigmática, visando superar as práticas vigentes.

Um importante marco para a área se deu com a publicação do livro Metodologia do Ensino da Educação Física pelo Coletivo de Autores (1992), onde foi apresentada a perspectiva “Crítico-Superadora”. Martins (2002) explica que essa abordagem metodológica, além de definir a EF em outras bases (filosófica, ético-política, pedagógica), articulou com a função social da escola no que havia de mais avançado: a formação do indivíduo enquanto sujeito histórico, visando uma transformação social compromissada com os interesses e necessidades da classe trabalhadora.

A EF nessa perspectiva é compreendida como a prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais que configuram uma área de conhecimento denominada de cultura corporal, onde estão inclusos, por exemplo, o jogo, esporte, dança e ginástica. A tematização proposta consiste na reflexão sobre diferentes temas da cultura corporal, envolvendo inclusive o tratamento dos grandes problemas sócio-políticos atuais como:

¹ Indivíduos “eficazes economicamente, mas submissos politicamente”. (VAZ APUD MARQUES, 2001, p.33)

ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações de trabalho, preconceitos sociais, raciais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição de renda, dívida externa e outros. A reflexão sobre esses problemas é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social. (COLETIVO DE AUTORES, 1993, p.63)

Apesar da necessidade de adotarmos uma educação crítica, muitos professores de EF se mantêm arraigados a concepções metodológicas tradicionais, incapazes de possibilitar aos alunos, a compreensão da realidade em que estão inseridos. Para agravar essa situação, constantemente nos deparamos com o discurso de que a utilização de uma pedagogia crítica, sobretudo nessa área de conhecimento, é inviável, diante das dificuldades a que estamos expostos. Então, ao compreenderem as dificuldades encontradas no caminho da mudança como obstáculos intransponíveis, esses educadores se dão por vencidos e assumem uma postura fatalista, contribuindo para a manutenção das condições que submetem seres humanos ao preconceito, discriminação, exploração etc.

O relato a seguir busca corroborar a idéia de que é possível utilizar uma pedagogia comprometida com a transformação social.

Relatando a experiência

Esta experiência foi vivenciada numa escola municipal da cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, com alunos matriculados em uma turma da 7ª série do ensino fundamental. Tal experiência, realizada durante o primeiro semestre do ano de 2005, é fruto do estágio realizado na disciplina MTE-033-Prática de Ensino c/ Estágio Supervisionado em EF de 5ª a 8ª série, orientada pelo professor Álvaro Quelhas e oferecida pela FACED/UFJF como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em EF.

Ao identificar que o espaço físico da escola não possuía tabelas nem aros para a prática do basquete, e tendo em vista que os alunos dessa turma ainda não haviam tido acesso a esse conteúdo da cultura corporal na disciplina, foi decidido trabalhar a unidade didática basquete, desenvolvendo como temática das aulas, a “democratização” dos bens culturais.

Após dialogar com os educandos a respeito de suas experiências com o basquete, buscamos situar esse conteúdo da cultura corporal como algo “não acessível” a todos, já que na escola e nas comunidades próximas a ela, não há espaço específico para essa prática. Até por meio da mídia, tal manifestação é escassa, se restringindo muitas vezes apenas aos canais “fechados” da TV. No decorrer da aula, questionados sobre o que fazer diante dessa situação, os alunos sugeriram adaptar a quadra da escola, pendurando aros improvisados nas laterais da quadra.

A problematização a ser trabalhada na unidade didática partiu da idéia de que diversos bens culturais, dentre eles o basquete, não são “acessíveis” a todas as camadas sociais, o que caracteriza um problema que merece atenção. Nesse sentido, buscamos identificar quais manifestações culturais não são “acessíveis”, por que não são “acessíveis” e o que podemos fazer para “democratizar” esses bens culturais.

As aulas seguintes foram organizadas de modo a trabalhar os seguintes tópicos: origem e evolução do basquete; basquete na Atualidade: técnicas, táticas e regras; a apropriação dos bens culturais, dentre eles o basquete.

No decorrer da unidade, reunimos dados para que os educandos pudessem adquirir referências importantes para tratar do tema-problema com mais propriedade. Ex: pesquisas para identificar as necessidades do bairro e o que a comunidade tem feito para resolver esses problemas; pesquisas para identificar onde estão localizados os cinemas, teatros, quadras de basquete etc, identificando se são públicos ou privados; utilização de matérias de jornais e revistas, relacionadas ao tema; além de diversas reflexões.

Num debate promovido ao final da unidade, chegamos a conclusão de que as comunidades menos favorecidas da população não têm “acesso” a diversas manifestações culturais como: cinema, teatro, basquete etc. É que essas manifestações são oferecidas em locais distantes da comunidade e, na grande maioria dos casos, estão vinculadas a instituições privadas. Os educandos também apontaram que a democratização dos bens culturais requer reivindicação, por meio de abaixo-assinado e/ou manifestações.

Este trabalho demonstra que a EF pode assumir uma perspectiva crítica. Para isso, as dificuldades encontradas no caminho da mudança devem ser tidas como algo que pode ser superado.

Referências bibliográficas

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 21ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MARQUES, Carlos Alberto. **A Imagem da alteridade na mídia**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2001.

MARTINS, André Silva. **Educação Física Escolar: Novas Tendências**. Revista Mineira de Educação Física, Viçosa, v.10, n.1, p. 169-192, 2002.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas: Papirus, 1994.